

**COMPRA**  
-- JUL. 1939

Rev.

1123



*fma.* / 3000 **M.**

# REVISTA CONTEMPORANEA

DE

PORTUGAL E BRAZIL

**Primeiro anno**

ABRIL DE 1859

*Antonio José de Sá,  
engenheiro.*

R: 31.214

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO



LISBOA

Escriptorio da REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL,  
Calçada do Sacramento n. 7, sobre-loja.

1861



1153



LIBRARY  
MAY 10 1933

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

PORTUGAL E BRASILE

Primeiro anno

LISBOA — TYP. FRANCO-PORTUGUEZA — Rua do Thesouro Velho n. 6.

1883

2.º ANO

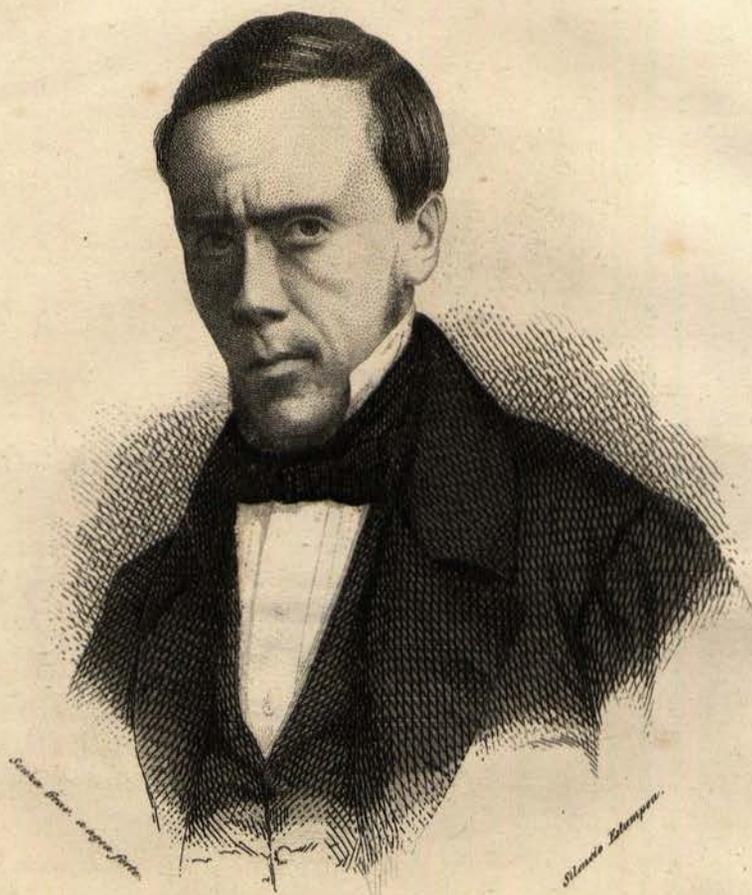


LISBOA

Impressão da REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRASILE  
Calçada do Sacramento n.º 7, esquina

1883





*St. Hercules*

## INTRODUÇÃO

A REVISTA CONTEMPORANEA representa uma idéa, que sem ser inteiramente nova, nunca chegou entre nós a naturalisar-se, mais por culpa das circumstancias, do que por falta de acolhimento.

Diversas causas concorreram para se paralisarem logo no começo todas as tentativas, que se arriscaram, e que só por um lance de fortuna extraordinario poderiam evitar a sua prompta ruina.

O pensamento de crear uma publicação, que participe a um tempo da seriedade do livro e da variedade do jornal, offerecendo uma galeria de quadros, em que as artes e as sciencias realcem o lustre proprio pela belleza do pincel, foi sempre applaudido com razão por quantos prezam as letras e auxiliam o seu incremento e esplendor; mas, ao passo que as vantagens se recommendavam por si mesmas, quem deixou de apreciar e de temer obstaculos, que, em toda a parte, e sobretudo em Portugal, costumam embarçar uma empreza concebida com as amplas proporções que requer o plano d'esta?

Por mais lisongeira que saia a estreia, para se lhe firmar a existencia, são precisos recursos, que nem sempre acompanham

os melhores desejos. A esta difficuldade, de si já bastante ardua, ainda accrescia outra igual, senão maior, e era a duvida de alcançar a collaboração activa dos escriptores mais versados nas diversas especialidades e mais estimados do publico, pela elevação do seu talento. Entrar na carreira sem estas duas condições preenchidas, equivalia quasi a desafiar a queda, que sempre castiga a temeridade infeliz.

A REVISTA CONTEMPORANEA, se não venceu todas as contrariedades, pelo menos ousa assegurar, que não abalçou a occupar um posto perigoso na imprensa, sem primeiro pedir á prudencia as possiveis fianças de exito, preferindo principiãr pelo moderado ensaio das suas forças, e não se aventurando desde logo, com precipitada ufania, a seguir, nos seus vôos mais altos e distantes, as obras da mesma indole, que largos annos de duração e repetidos triumphos sagraram com justo elogio como archivos riquissimos do saber, e, mais ainda, como verdadeiros monumentos da litteratura das nações.

Um jornal, como o que vamos emprehender, não promette senão o que póde cumprir. A lisura e o decoro vedam-lhe os pomposos programmas, que dicta de boa-fé a exaltação do enthusiasmo, mas a que raras vezes corresponde á realidade. Quem sabe como nasceu, e de que modestos principios se levantou a *Revista dos dois mundos*, por exemplo, não estranhará, antes ha de louvar que esperemos pelos progressos para os annunciarmos como factos verificados.

Publicações que exigem tantos sacrificios e perseverança, não passam de repente da adolescencia para a idade viril; nem, ao deixar o berço, apparecem logo gigantes. O tempo alliado natural, e a experiencia, mestra de todos os dias, vão-lhe desfazendo as trevas do caminho, e alargando os horisontes. No fim de certo periodo de esforços constantes e de melhoramentos successivos, lançando-se os olhos para o que ficou atraz, é que se avalia a jornada feita e, com o inventario da riqueza adquirida na mão, é que se póde affiançar, que o mais difficil está conseguido, e que as boas esperanças são legitimas.

A esphera de acção que abraça uma REVISTA, como a que tentamos, é tão ampla, e tende sempre a alargar-se tanto, que de anno para anno se vê obrigada a engrandecer o primitivo plano, e a tirar dos resultados obtidos novos estimulos para não se mos-

trar inferior ao que necessita ser, e decahir da reputação conquistada. Querer, portanto, antecipar as épocas, e suppor que impunemente se começará pelo fim, além de impraticavel, seria a prova mais evidente de incapacidade. Só quem nunca navegou estes mares, tão sujeitos a naufragios, é que se atreveria a zombar assim dos escolhos que o ameaçam.

Para não desmentir a sua indole, e para se approximar dos grandes modêlos que o precederam, e que a todas as horas o estão avisando com o seu adiantamento, um jornal, que se propoz o fim que a REVISTA CONTEMPORANEA leva em vista, nunca pôde esquecer que as suas paginas não foram estampadas para se rasgarem com indifferença depois de satisfeita a curiosidade momentanea; mas que, lavradas com o cuidado que torna eterno o livro, a sua collecção, ao cabo de alguns annos, constituirá uma verdadeira bibliotheca, em que se devem encontrar todas as questões, que interessam o desenvolvimento intellectual e politico do mundo.

Nada mais acrescentaremos. Estas poucas linhas sobejam para desviarmos qualquer equívoco. Dissemos o que somos, o que podemos, e aquillo a que aspiramos; o resto as obras, e não as palavras o hão de acrescentar.

O verdadeiro prologo de um jornal, como este, é o primeiro anno da sua publicação. Se construiu com elementos duraveis, o alicerce supporta a edificação, e a obra principia a avultar; se errou as proporções, se não fundou em terreno firme, e se adormeceu nas horas de vigilancia, o menor sopro a sepultará entre ruinas.

L. A. REBELLO DA SILVA.



## ALEXANDRE HERCULANO.

No seculo actual a primeira realza é a intelligencia. Elevou o seu dominio acima de todas as outras. O seu poder abrange o mundo; a sua legitimidade está vinculada no céo. É de lá que descende; é de lá que emanou a primeira centelha que provocou a chamma esplendida que illumina a terra. O suffragio dos homens é zero diante da palavra de Deus, e a intelligencia é o ecco da sua voz.

Tudo se gasta, consomme, envelhece, definha e morre, menos a intelligencia, que rejuvenesce sempre, que se vivifica cada vez mais, que se reforça, eleva e exalta atravez da humanidade que vai caminhando e renovando-se para remoçar, deixando gravado nos acontecimentos o seu continuo progresso.

N'este progresso incessante da intelligencia ha homens que Deus fadou para seus representantes, e cujos nomes ficam sendo symbolos para cada geração que passa, e que aspira a novos commettimentos.

Alexandre Herculano é um symbolo para a geração presente.

Ao lado de Garret inaugurou a nova escola litteraria. É pois diante d'estes vultos que a nova geração se curva respeitosa. Deve-lhes os bons modélos da litteratura moderna; deve-lhes o acolhimento fraternal do talento, que sente engrandecer-se, rodeado pelas vocações que foi accordar.

Julgar homens, como Herculano e Garrett, só póde a posteridade. A critica dos vivos é sempre difficil, e mais ainda quando versa sobre individuos, que não de no futuro illustrar a época em que viveram, como fizeram Bossuet e Corneille, Molière e Racine. Astros d'este esplendor só astros semelhantes podem fi-tar e medir. Quantos seculos distaram entre Camões e Garrett, e quantos reis e imperadores herdaram e depozeram coróas, até que o primeiro principe dos poetas portuguezes achasse herdeiro legitimo ao sceptro?

O mais que póde aspirar o escriptor contemporaneo é a manifiestar singelamente as suas impressões diante das obras d'aquel-les que foram os seus mestres. E para isso mesmo é necessario que o apreciador esteja á altura da apreciação. Entre os disci-pulos ha nomes que o estão, como os de Rebello da Silva, Men-des Leal, Latino Coelho e Lopes de Mendonça; mas o nosso está longe, e por isso para commetter o arrojo, vacilla e estremece diante da difficuldade. Ha, todavia, uma voz que lhe brada ani-mo: é a do coração. As linhas que se vão seguir são dictadas por elle, e podiam resumir-se a quatro palavras: homenagem ao talento e respeito ao homem.

Garrett e Herculano dominam por tal fórma a renascença lit-teraria, que, até hoje, ainda nenhum critico tentou a analyse de um sem alliar o outro. É que os dois collossos elevaram-se ao mesmo pedestal, e lá se conservam abraçados, aos nossos olhos, tornando impossivel deixar de admirar ambos.

Talentos diversos na indole, attingem a mesma elevação, va-riando só na fórma.

Garrett matizou a lingua das flores singelas, que tão gracio-sas se entrançaram nas grinaldas naturaes; deu-lhe essa volu-ptuosidade tépida e como indolente, que attrahe sem exaltação e aquece sem incendiar. Não a carregou de toques exaggerados, apurou-lhe a cór nativa, que brilha pela propria lhaneza.

Lendo-o, o effeito que produz é o de uma suave melodia de Bellini, que espairose a alma com simplicidade melancholica, segredo da gloria de ambos.

Tinha uma individualidade que não se imita.

Alexandre Herculano imprimiu á phrase nova magestade e vi-gor. O seu estylo é rijo e pulido como aço, luzente e penetrante como elle. Nunca falla ao coração que não excite o enthusiasmo; commove-nos porque se exalta na crença, e sabe communical-a.

O transporte que provoca, assimelha-se á sensação energica que despertam as combinações sublimes de Mayerbeer, allian-do a grandeza á profundidade.

O *Eurico* e o *Frei Luiz de Sousa* são a prova do que deixamos dito. Dois monumentos igualmente de gloria para a nossa litteratura, e dois poemas vasados em moldes distinctos.

O *Eurico* assignala uma das mais elevadas e energicas concepções d'este seculo, tanto pelo vigor da linguagem, como pelo grandioso da imagem, que parece esculpida em bronze.

O *Frei Luiz de Sousa* é a mais sentida, profunda e inspirada melodia da paixão que ouviu este seculo, e cujos sons são immortaes como o nome do homem que os desprendeu do coração. Prima na singeleza da phrase—singeleza inimitavel e sem rival: era o condão do seu genio.

Nas obras de Garrett encontram-se todos os generos da litteratura moderna, modelados para a nova geração. Nas de Alexandre Herculano dá-se o mesmo facto com leves modificações.

Poeta, escreveu a *Harpa do Crente*; e, em estorphes vehementes esmaltadas de vigorosas e esplendidas imagens, deu relevo a quadros que provocam o enthusiasmo e pungem o coração. Tem a força e tem a fé, qualidades que sobresaem em todos os trabalhos do mestre.

Romancista, enriqueceu a litteratura portugueza de livros que são verdadeiros padrões de gloria. O *Monge de Cister*, quadro completo do seculo de D. João I, em que se sente viver e palpitar aquella época, com a verdade do investigador consciencioso que tem passado metade da vida dobrado sobre as chronicas e compulsando os codices.

Na *Abobada* e nas *Arrhas por fóro de Hespanha* vê-se, como em tudo, o escriptor erudito que contempla o passado como se fóra o presente, tão impresso o tem na memoria e tão familiarizado está com os personagens que apresenta, cujos retratos são quasi daguerreotypos, tirados á luz da intelligencia nas vigalias do estudo.

Mas, para glorificar o nome de Alexandre Herculano, bastava uma das suas obras; era a *Historia de Portugal*.

N'este trabalho resumiu já quasi inteira a existencia; o que esta terra lhe deu á sua illustração consagrou. Descortinou o passado como philosopho e historiador; engrandeceu o paiz, desdobrando-lhes paginas que lhe illumina as intelligencias.

E dito isto, que podemos nós aventurar sobre o livro? Nada, a não ser que honra a nação; mas essa já o reconheceu.

Agora duas palavras sobre o homem.

Todos quantos tem tratado de perto o actual chefe da litteratura moderna conhecem o seu character franco e sincero, não escondendo nunca o seu modo de pensar, e só dizendo o que verdadeiramente sente.

Á lisonja substitue o silencio; a verdade não a enfeita; exprime-a nua como a pintaram os antigos. No livro cultiva a phrase, no trato intimo só lh'a joeira a consciencia.

Alexandre Herculano, o modelo e exemplo dos melhores, é um d'este homens de tempera rija e altos sentimentos, que não sabem nem querem dobrar-se ás conveniencias, quando estas destoam dos principios que professam, e que, erguendo altiva e desassombrada a frente, fallam sempre com enthusiasmo e vigor do convencimento.

Deslocado talvez em época como a nossa, indignam-o tantas hypocrisias e torpezas, e d'ahi procede a rudeza com que muita vez fustiga, sem dó, os adeptos e o credo d'essa seita nefanda.

A irritação generosa exacerba-lhe a palavra e sobe-lhe cadente do coração á mente vastissima.

É bello vél-o assim: esmaga com o sarcasmo; fulmina a condemnação na censura eloquente.

Apostolo da honra, abraçou-a como religião e cumpre-a como dever: n'elle, arreigada á crença, tudo lhe sacrifica. O talento não lhe vence o coração: este é grande como aquelle. Tão alto se lhe levanta o genio como a alma.

E este mesmo homem, severo e implacavel na apreciação d'este mundo exterior em que se debatem tantos interesses mesquinhos, e se commettem tantas vilanias atrozes, temol-o visto sereno, affavel, jovial até, quando n'aquelle seu retiro da Ajuda reúne em roda de si a pleiada de verdadeiros talentos e verdadeiras vocações que ali vão ouvir a voz do mestre, e receber os conselhos que elle nunca nega, animando e fortalecendo os mais tibios com o seu seguro juizo.

Os sabbados da Ajuda, se a mocidade litteraria os aprecia, não menos valor tem para Alexandre Herculano. Em quanto instruem aquelles, distrahem este, que, empenhado de coração nos progressos da nossa litteratura, mesmo no dia escolhido para descansar das fadigas do gabinete, trabalha ainda em proveito indirecto das letras patrias, tornando-se o centro de palestras que vão fecundar muito boa semente.

Apraz-lhe ouvir discursar livremente a nova geração, e, em vez de lhe reprimir os impetos, excita-a a erguer o voo, porque vé, n'essa exaltação de idéas, na solta expressão do pensamento, o signal de grandes commettimentos.

Alexandre Herculano, n'esse dia da semana, volta aos vinte annos, idade que ainda conserva no espirito. Que inspiração ha ahi mais nova que a d'elle? Ali póde envelhecer o corpo, o talento remoça sempre.

O historiador entristece, quando, ao sabbado, sentando-se á meza do jantar, não vé dez mancebos em torno d'elle.

Encetar a nossa galeria pelo retrato de Alexandre Herculano era um dever. Cabia de direito ao chefe da nossa litteratura o primeiro logar.

Ao sr. Sousa, distincto professor da Academia das Bellas Artes, deve-se a bella gravura a agua-forte que offerecemos aos nossos assignantes. Junta á similhança o mais esmerado trabalho que n'este genero temos visto entre nós, e que rivalisa com os melhores. lá de fóra.

Demorar-nos-hemos um instante diante do retrato, antes de fecharmos estas rapidas linhas, que não são mais do que um fraco mas sincero tributo de admiração intima.

Na physionomia de Alexandre Herculano está poderosamente reflectida a severa austeridade de sua alma e a rigidez do seu character. Seguro de sua consciencia, fita altivo o mundo. Espirito pensador, dobra naturalmente a cabeça sob o pezo das idéas que lhe encham a imaginação, e que só amadurecidas pela reflexão lhe saem dos labios ou dos biccos da penna. Dos olhos faisca-lhe a resolução e a audacia. Crente n'um principio, não mede consequencias quando se trata de o defender. Empenhado na lucta, não esperdiça um grão de polvora — e ninguem vai mais adiante.

Ao coração do povo nenhuma voz chega mais funda que a de Alexandre Herculano. É porque lh'a illumina a chamma do patriotismo, fortificada pelo convencimento. Na reunião da *Associação popular promotora da educação do sexo feminino*, que teve logar no theatro de D. Mariá II, deu Alexandre Herculano a mais brilhante prova. Singelo na fórma e profundo na idéa, o seu discurso elucidou a todos e a todos enthusiasinou. As crenças arreigadas do velho liberal, escandeciam-lhe o verbo e atavam-lhe a imagem. O vulto do grande historiador sentia-se crescer e dominar o auditorio. Electerisava a multidão, convencendo-a.

Terminaremos, pois, dizendo, que, para estimulo da nossa geração, restam dois poderosos auxiliares: uma saudade e uma esperanza; um modelo e um exemplo; Garrett e Herculano.

É portanto estudal-os e segui-os.

ERNESTO BIESTER.

## REVISTA CRITICA E LITTERARIA DE 1858.

Já não é um trabalho difficil, nem sem fructo, esta tarefa de analyse do resultado das occupações dos nossos espiritos mais iminentes no decurso de um anno. O movimento litterario, o seu impulso, influencia e diffusão, tornam-se um facto que todos os dias apresenta novas manifestações, e cada dia mais valiosas e significativas. É penoso lançar olhos inquietos e ávidos de curiosidade por um d'esses longos espaços, sòbre que a mão do tempo vem correr o véo do passado, sem que uma obra se nos depare, sem que um vestigio se descubra, onde o talento nos prove, como um marco milliario erguido pelas fadigas do viajante cosmopolita, os progressos e conquistas que vamos realisando no dominio tão vasto e de tão largos horisontes da republica das letras; mas é grato e ensoberbecedor olhar de frente para esse lapso decorrido, e vêr que elle ficou assignalado por mais de um documento que attesta, que os arrojos do engenho inventivo, que os vóos ardentes da phantasia poetica, ou as meditações solitarias do genio pensador por ahi passaram no accesso febril do seu imaginar audacioso, ou na preocupação insistente de um cogitar profundo. Como que um espectáculo, todo de actividade, mas de actividade intellectual, da mais nobre e fecunda das actividades, se nos apresenta, enchendo-nos o animo de jubilo e ufania! É uma nação a pensar, e a recolher, em depositos perduraveis, as riquezas do seu

espírito. São as suas forças intellectuaes, comprovadas nas tentativas já triumphantes das vocações de seus filhos privilegiados. É a historia compendiada dos progressos da razão e da phantasia, attestada em obras de pura inspiração litteraria, ou influidas pela força e influxo da acção social. A par do livro de poesias que nos confia talvez os momentos affectivos da alma que esvoaça sobre abysmos de dôr infinita, vê-se a concepção mas vasta e complexa do romance que se inspira da sociedade e a retrata: junto do drama que surprehende a vida na sua acção intima, vem agrupar-se a comedia, que ri o riso da satyra, porém da satyra jovial e polida, a qual traz consigo a lição, sem disparar a setta hervada da personalidade. Mais longe, a investigação historica; o estudo archeologico; os modêlos de eloquencia; os ensaios da critica do seu empenho infatigavel de projectar clarões de luz por todas as veredas dos conhecimentos humanos; o tratado de philologia; as obras de proporções menos ambiciosas, mas de generoso e fecundo alcance que levam aos animos infantis as primeiras noções do saber: e por entre todas estas obras, fructo de muita vigilia, resultado que prova a seriedade e efficacia dos esforços da intelligencia, convergindo por longos rodeios e vias indirectas para um mesmo fim, apparecenos a novella ligeira, o folhetim de uma hora, o desafoço da critica picante, a polemica accesa nas indagações do orgulho, o pamphleto que vendica a razão dos ultrajes da insufficiencia, lampejos rapidos da imaginação, fogos passageiros do espirito irritavel, desabafos do talento repellido, que, em seus esgares de chufa e tregeitos epigrammaticos, se confundem, intermeiam e entrelaçam com todas as outras composições de grave e colossal estatura, como os episodios truanescos dos quadros de Miguel Angelo, agrupando-se em engenhosas combinações com os seus personagens principaes, personificam muitas das satyras da vida na sua expressão mais condemnatoria e maligna.

E d'esta analyse momentanea, d'esta apreciação em globo resulta um trabalho, que só muitos mezes e sérias applicações de estudo poderiam conseguir. N'esta exposição de todas as obras, isto é, das mais notaveis, das que em si resumem os traços indicativos de uma vocação definida, ou que patenteam os fructos já sazoados de uma cultura bem dirigida, é que se póde perceber a direcção geral dos espiritos, as suas preoccupações, as influencias a que obedecem, e as leis de gosto que perfilham. N'um relance de olhos abrange-se o quanto avançámos, e para onde avançámos. E é debaixo d'este ponto de vista que esta resenha se torna proficua, pois é debaixo d'este ponto de vista que re-

sume, na indicação rápida das melhores produções dos nossos engenhos, um capítulo documentado do progresso da sociedade em que vivemos. A litteratura, e principalmente a litteratura dramatica, quando não retrata com exactidão o movimento positivo da sociedade, retrata o estado das imaginações; e, quer n'um quer n'outro caso, é sempre, mais ou menos, a expressão moral de um povo. É por isto que, alongando a vista pelo anno de 1858, deparámos com um quadro lisongeiro de certo para os estímulos do nosso amor-próprio, por que n'elle vemos, já agrupados por entre os brincos da phantasia poetica, semelhantes aos festões e rendados que enlacedem os fustes de uma columnata corinthia, symbolo da força e esteio de construcção, também trabalhos solidos que podem já offerecer igualmente pontos de apoio e meios de equilibrio a futuras tentativas da nossa mocidade estudiosa.

Diga-se o que se disser; o anno findo é já para nós um legado valioso, por que todos podemos haver n'elle o nosso quinhão. E é de certo no movimento que ultimamente tem evidenciado a litteratura dramatica que melhor se conhece esta verdade. O drama historico, como mania da época, passou. Falámos do drama historico, obrigado a xacára, em que a castellã, mais esmerilhadora de antigualhas que o bibliographo Jacob, nos dava uma edição verbal dos archaismos do *Elucidario de Viterbo*, nas imprecações tremendas de um drama enluctado de tempestades. Hoje a direcção dos espiritos é outra. O talento dramatico conhece melhor as necessidades do theatro e a virtude do predomínio. O estudo da actualidade, como meio indirecto de estudo do coração humano, fecundou a imaginação do escriptor, e enriqueceu-lhe e fortificou-lhe as faculdades de analyse. Os *Homens sérios*, drama festejado no theatro de D. Maria II, é um resultado d'esta elaboração de idéas. O titulo resume um thema moral dos mais difficeis de explanar na scena, conforme elle se dá na diversidade e multiplicidade dos seus typos, e accidentes da vida real. Debaixo d'este aspecto, a producção do sr. Biester restringe de certo o quadro a poucos traços, mas esses dados com verdade. Porém o que mais interessa ao publico, o que mais attrahe a sympathia dos corações generosos, é aquella victima resignada de um marido hypocrita e cruel. O fim da desditosa Amelia reduz um lance afflictivo, que deixa n'alma do espectador penosas recordações. Como a Margarida Gautier de Dumas filho, aquelle espirito desprende-se dos enganos do mundo, e vóa para espheras de perfeição infinita, como quando animou aquelle corpo que agora jaz inerte, sem-

pre voára tambem superior ás injustiças dos homens. A *Nobresa d'alma*, affectuoso quadro de vida intima, do mesmo auctor, é uma delicada composição em que sentimentos puros e generosos predispoem lances, em que o coração lucha com o character em nobre e magnanima lucha. Uma nuvem, ligeira nuvem de desconfiança, annuvia por momentos o céo de amor que respiram duas almas: Leonor tem ciumes de seu marido. Mas a nuvem passa; e o céo, restituído á antiga pureza de luz, torna a sorrir esperanças, e essas esperanças convertem-se n'uma realidade. Luiz Bacellar, o generoso pintor, abraça sua esposa e o sympathico doutor, achando, n'uma, a mulher que faz justiça aos rasgos elevados do seu procedimento, e no outro, o amigo dedicado que lhe grangeia uma protecção valiosa para a sua carreira de artista.

Esta peça, representada pela primeira vez no anniversario da joven rainha, foi calorosamente applaudida. O publico na expansão de seus instinctos nobres, não deixou de perceber mais de uma allusão que se fazia a um alto personagem, a quem todos amam pelas qualidades eminentes do seu espirito illustrado e liberalidade de acções.

Depois d'isso veem duas comedias, ambas portuguezas de lei, ambas cunhadas pelo sélo da tradição popular, que são as *Prophecias de Bandarra*, do auctor do *Gil Vicente*, e a *Pedra das Carapuças*, do sr. Cascaes. As *Prophecias de Bandarra* são obra posthuma e incompleta, mas ainda mesmo assim basta o traço de mestre do dialogo do sapateiro com o boticario, no primeiro acto, para proclamar os dotes de observação do grande escriptor, que nenhum, como elle, possuia o condão de fazer fallar o povo a sua linguagem.

A *Pedra das Carapuças* resumē um estudo de época, a que dá vida uma das nossas lindas e poeticas tradições populares. Não sabemos por que, mas como que nos sentimos attrahidos para aquelles tempos ainda de tranquilla e festejada recordação, em que a phisionomia do velho Portugal transparecia mais desassombrada dos arrebiques estrangeiros em todos os typos da sua alta e baixa sociedade! Aquella morgada empertigada pelas suas altivezas de fidalguia; aquelle velho alferes de milicias do termo, ou *sem termo*, como lhe chamava o padre José Agostinho; aquelle boticario, chronica viva da terra e passatempo dos serões pela sua garrulice motejadora, todas estas figuras formam um quadro agradavel em que conhecemos feições nossas e avivamos sympathias.

E que mina inexaurivel não ha ahí para os traços caracte-

risticos da nossa verdadeira comedia, da nossa comedia fina, trajada á portugueza! O sr. Cascaes já nos havia apresentado *Giraldo sem sabor ou a noite da Praça da Figueira*, e outros trabalhos do mesmo genero, que, aproveitados como exemplo, podem servir para fazer reviver a comedia nacional. Os seus serviços são grandes. Ninguém, como elle, inquire estes accidentes de localidade e procede á exumação dos segredos que a mão do tempo tem ido sepultando, extinguindo assim os vestigios de eras que não vão longe, mas que o descuido, ou antes a ingratição de todos nós deixa varrer da superficie da historia e da tradição como se um lapso de seculos e a estranheza de povos longinquos se houvessem erguido de permeio. Felizmente ha homens estudiosos, e desvellados pelas coisas da sua terra, como o sr. Cascaes, que vingam a indole do seu paiz d'estas injurias dos proprios filhos; e, quando os não houvesse, lá está a memoria do povo, essa historia viva que se transmite de geração a geração como um culto da crença erguida na imaginação de todos, que continuaria a protestar, fundando n'essas usanças, superstições e lendas muitas das normas da sua existencia moral.

Não nos deve esquecer, como tentativa auspiciosa em que se desata a veia comica do pintor dos ridiculos da sociedade, a pequena comedia *Cezar ou João Fernandes*, que denuncia no seu auctor, o sr. Moraes, um mancebo do Porto, uma imaginação fertil para este genero de enredos faceis, cujo fim é aproveitar um incidente, um typo, ou um character para o fazer sobresahir nas combinações chistosas de alguns dialogos bem urdidos.

De um genero inteiramente diverso, a *Nobreza de amor* atrahê a consideração da platêa pela singeleza de uma fabula, que pôde ser de todas as épocas, porque se inspira dos principios abstractos das grandes verdades moraes. Não é um enredo com as suas curiosidades e effeitos de entriga; nem uma lucta de caracteres, animando-se a idéa inicial do impulso reciproco da diversidade do vêr e sentir d'esses mesmos caracteres, é uma dissertação sobre o mais nobre dos sentimentos, sobre os deveres do amor desinteressado. E é por isto que o publico applaudiu, por que estes exemplos de elevada aspiração moral, embora não os singularisem todos os prestigios do movimento dramatico, sempre encontram peitos escolhidos onde accordem eccos e deixem recordações.

Mas a obra dramatica do anno, aquella que grangeou muitas sympathias dentro e fóra do paiz, foi a *Caridade na Sombra*, do sr. Ernesto Biester. Bastava-lhe o intuito evangelico que ins-

pira o titulo, por que é um elevado e generoso intuito, para attrahir as sympathias de qualquer povo, como o nosso, cujo animo se inspire d'esta fecunda emanção da Divindade. Mas é que o drama não vive só da sublimidade d'esta inspiração moral; outros sentimentos, não menos fervorosos e dignos, dispõem um grupo de figuras em que palpita um puro e nobre coração. O sentimento evangelico illumina o quadro unicamente como uma frecha de luz que atravessasse as trevas das pequenas ambições do mundo; e é d'este contraposto de luz e sombras que nascem os assomos de comedia, que tanto concorreram para alterar, com agradavel variedade, a acção sentimental da peça.

O typo pretencioso e ridiculo da baroneza e seu marido são bem ao pé dos semblantes graves de Francisco de Gouvêa, de Miguel Tavares e sua esposa. E é n'este sentido que a *Caridade na Sombra* assignala um periodo novo nas lucubrações do auctor. O drama intimo, que viva só das luctas do coração, ou dos vôos da alma que se compraza de procurar no desafogo infinito de suas aspirações as realidades do seu mundo ideal, ou produz a elegia ou a ode, elegia e ode personificadas nas sensações de dois ou tres personagens, mas sempre esforços de um lyrismo que devora pelas angustias de um peito ulcerado, ou desvaira pelo arrojo de uma phantasia delirante. Este genero modificou-o agora o sr. Biester, vendo a sociedade melhor e acceitando-a como ella se nos offerece nos seus contrastes, excenricidades e ridiculos. A historia da alma e da *bête*, de Xavier de Maistre, personificada seculos antes nos dois typos immortaes de Cervantes, apresenta um modelo e um conselho, que pensador algum deve desprezar. Existe n'ella o verdadeiro drama.

O anno de 58 fechou no theatro de D. Maria com o bonito drama, o *Arrependimento salva*, e com a comedia, *A fabula do leão e a pintura*. Este ultimo trabalho do sr. Antonio de Lacerda denuncia tambem, e de uma maneira victoriosa, uma modificação nas idéas e predilecções litterarias do escriptor. O auctor dos *Portuguezes na India* e da *Rainha e a aventureira*, isto é, do drama desenvolvido na altura da grande exaltação de sentimentos, passou de repente para os salões doirados e espirituosos da comedia da actualidade, da comedia satyrica, mas satyrica dentro dos limites impessoaes do epigramma que se perde no vago das generalidades, mas não sem haver colhido antes as gargalhadas da platéa. Verdade é que o sr. Lacerda já no seu drama, *Fazer Fortuna*, nos indicava esta transição: já alguns personagens, criticas picantes de varias figuras de época, ali nos appareciam, mostrando-nos com vantagem o que o auctor poderia, se ten-

tasse o genero. Tentou-o, e fez bem: *A fabula do leão e a pintura* deve convidal-o a proseguir.

No Gymnasio, o movimento litterario tambem se fez sentir. Este theatro tem aporfiado, e com louvaveis resultados, na selecção do seu repertorio; e com raras excepções, o pessoal da companhia acha-se constituido de modo que póde satisfazer estes bons desejos. Varias foram as peças que levaram o publico a admirar alguns dos actores de sua predilecção. O *Defensor da igreja*, drama sacro de grande spectaculo, do sr. Cesar de Lacerda, revela estudo. Mais de um lance se inspira dos *Martyres* de Chateaubriand; e Sebastião, se não é o Eudoro, na elevação epica do grande poema do escriptor francez, anima-se do mesmo fervor e puro affecto christão.

\*Seguem-se duas comedias, ou antes dois quadros; um notavel pela lição que do seu exemplo póde seguir-se para as classes laboriosas, outro rico de movimento comico, e ambos do sr. D. José d'Almada: *O Casamento singular* e a *Associação na familia* mostram duas phases do seu talento para a scena. A *Associação na familia* é um ensino á classe pobre: diz-lhe que da sua perseverança no trabalho e da associação de suas forças no puro e santo gremio da familia, nasce a abundancia dos bens da fortuna. Avaliando os intuitos e alcance d'este trabalho, já haviamos escripto, entre outras reflexões, o seguinte:

«O sr. D. José d'Almada é do povo pelo coração, e homem de «letras pelos dotes do espirito. O pensamento que o inspira n'esses seus ensaios, animado todo de um desejo fervoroso de progresso moral, illumina-se da verdadeira luz christã, tão resplandecente e vivificadora em todas as agruras da estrada da vida.

«N'este ponto, o auctor da *Prophecia* está bem longe dos espiritos facciosos, a quem o desejo de lisonjear o povo, e não o cuidado do seu adiantamento moral, é a só inspiração que os domina: inspiração que mal disfarça, com os artificios do estylo, as vistas insidiosas do falso reformador ou do homem de partido, que existe por detraz do romancista ou do dramaturgo. O sr. D. José d'Almada, pelas tendencias do seu caracter, pela escola a que pertence e de que se tem mostrado soldado audaz e perseverante, não tem ponto algum de intimidade com esses talentos agitados por um esteril pensamento democratico; pertence, pelo contrario, á raça sincera e franca, mas ardente de desejos e tenaz nas suas idéas de reforma, dos homens que, como Jeremias Golthelf, actualmente em Allemanha, desejam derramar o balsamo da consolação em muitas feridas profundas, que roem a vida e amortecem todas as nobres

«aspirações nas classes inferiores. Esta raça de escriptores populares, de philosophos moralistas, em que figuram Hebel, Voss, Jung Stilling e Pestalozzi, e a que a poesia ingleza ajunta, como um gracioso dominio, as figuras maliciosamente ingenuas de William Cowper, Thompson, Penrose, familia de phisionomias originaes de que Goldsmith traçou o ideal no seu bello e popularissimo romance *O Vigario de Wakefield*; esta raça, repetimos, era bem que tivesse um adepto entre nós, e nenhum de certo melhor do que o auctor da *Associação na familia*, pelo amor desinteressado ao pobre povo, pelo estudo paciente dos seus bons e máus instinctos, pelo desejo de lhe ser util, pelo pensamento fecundo de o levar pelo caminho da religião e do trabalho a uma situação perduravel de felicidade, que trans-luz em todos os seus ensaios d'este genero.»

O *Abel e Caim* é a estrêa de um mancebo de engenho mas cujo titulo, que resume um profundo thema moral, a comprometteu até certo ponto. Como indemnisação para o publico do Gymnasio apparece o *Segredo de uma familia*, drama-comedia vasado nos moldes da escóla analytica, o qual estabeleceu lisonjeiros titulos de escriptor dramatico ao sr. Santos.

Varias producções de menos monta ha ainda que registrar, como o *Caffé concerto*, *O juizo do mundo*, *Um dia de independencia*, *Homem das Cautellas*, distracções de alguns momentos, satyras de occasião, intervallos comicos, composições ligeiras, que são como os sainetes do theatro hespanhol, para desfadar as platéas de composições mais sérias. Mas que não esqueça o bello remate do anno, o engraçado intervallo comico. *Os effeitos do vinho novo*, em que Taborda resume todas as faculdades surprehendedentes do seu prodigioso talento de imitação. Os sectarios de Baccho, não do Baccho mythologico, mas do Baccho muito de nossos dias, a quem o *oidium tuckeri* invadiu os seus dominios, festejam o seu confrade com inveja e ufanía; e aquelles que o não são, riem a bom rir da jocosidade do actor.

Ha ainda algumas producções, nos outros theatros, a que esta revista não póde deixar de lançar um reparo, no seu curso rapido. *Anjo Maria* é de certo a melhor obra do sr. Cesar de Vasconcellos: é um drama de uma acção simples, mas cujo dialogo prende a attenção do espectador pela singeleza de algumas scenas affectuosas. *No cerco de Badajoz*, do mesmo auctor, apparece um episodio da guerra peninsular, disposto com arte para estimular os brios patrioticos de uma platéa popular.

Mas façam praça e deixem passar a rainha da época, a maga de condão irresistivel, a Circe que reduz os espectadores á con-

dição de automatós boquiabertos; deixem passar a magica, a maligna tyranna dos espiritos, o salvaterio sonhado das empresas em apuro de finanças, a cubiçada da pasmacceira da população ribatejana; deixem-na passar, que ella ahi vae precedida do genio tutellar das bagatellas, saltando-lhe em turbilhões doudejantes na frente e atraz os gnomos e sylphides dos seus esconjuros, que se estorcem em visualidades de effeito assombroso, procurando os geitos, os esgares, as tropelias, as transformações, as incriveis e inimaginaveis metamorphoses que só as Morganas, Armidas e Mesulinas todas do universo, tendo á sua frente o primeiro bruxo dos abysmos infernaes, poderão realisar, para ter suspensas, nas convulsões de uma permanente hilaridade, as platéas mais boçaes dos dominios da boa-fé.

E a magica não invadiu só as Variedades e Rua dos Condes, scenas climatericas de bruxedos e maleficios, onde nasceu e medrou o magico de Salerno e o diabo manipulou as suas melhores pilulas; este monstro, como a Sphinge, attraheu todas as curiosidades e estendeu a sua fama a todos os povos. Novo Protéo, chamou-se *Principe Verde* na rua dos Condes, *Reino das Fadas* nas Variedades, e até attendeu contra a magestade da Biblia, indo furtar ao pobre rei Salomão o seu anel, só para obter entrada no Gymnasio!...

Vejam a que ousadias se não abalançou a temeraria!

O romance é o genero litterario que se identifica com o theatro por mais estreitas relações, por isso o vemos apparecer com o mesmo desenvolvimento e symptomas. Á frente dos nossos romancistas continua a figurar Camillo Castello Branco, o talento vigoroso e fino de observação que reproduz do natural os accidentes da vida com o verdadeiro colorido de um grande pintor. Torna-se difficil fallar d'este escriptor em poucas linhas, é ainda mais do genero de inspiração de que elle é o orgão e muitas vezes o heroe. É realmente indispensavel que elle possua o sentimento da poesia, *cavilhado* á alma como diz Cuvillier-Fleury, fallando de Henri Hémé, para resistir ás demonstrações de máu gosto de uma sociedade composta de individuos abençoados de uma estúpida fortuna. E Camillo Castello Branco não deixa por isso de ser o poeta, a imaginação viva e prompta, mas torna-se o satyrico. Das tendencias do seu espirito em conflicto com as contrariedades burlescas que uma sociedade multiforme e absurda lhe põe em frente, nasce a lucta de idéas que accende os seus melhores epigrammas. Em cada quadro que sáe de suas mãos ha de certo muita dor compadecida, muita resignação nobremente exaltada; mas, no auge de indignação do seu animo

irritado pelas ostentações dos orgulhos ineptos que a ironia do acaso improvisára, o escalpello de Rabelais acode a aguçar a penna do romancista, e o romancista acaba por trocar a penna pelo escalpello e por dissecar as carnes do primeiro parvo ou egoista que se lhe apresenta. Mas com que graça, com que rodeios tão frisantes e originaes, com que certeza e promptidão de golpe, com que gargalhada estridente e ferina, elle não amarrotta essas vaidades, atirando-lhes ás faces as zombarias de uma satyra implacavel!

Às vezes a observação das chagas pustulentas da corrupção que por ahi passeia de commenda ao peito, torna-o um d'esses pintores nimiamente escrupulosos, que fazem consistir os prodigios do seu pincel na reproducção quasi microscopica das minucias da realidade. Mas os vãos da sua phantasia, pela força virtual que os impelle, erguem-no logo d'estes lodações; e ainda mesmo tocando a terra com as suas sandalias, percebe-se que o talento lhe nascéra para ostentar-se na região das brilhantes ficções.

*Même quand l'oiseau marche, on sent qu'il a des ailes.*

Não é facil dizer o porquê; mas o seu livro *Duas horas de leitura* é um dos livros que mais profundas impressões nos deixaram. Não é um romance, são as angustias de duas ou tres almas desditosas, contadas com a memoria da saudade que dilacera, e a effusão de sensações profundas. O coração e a phantasia reinaram sós e despoticas n'estas paginas: as faculdades do philosopho e do estylista obedeceram-lhes cégamente. Que melancolica poesia não ha n'aquelles amores de Paulo e Mathilde! Aquella capellinha, que alveja ao sopé da igreja de Lessa, passa e repassa na imaginação, como o alvo fantasma de uma mulher que amassemos com extremoso affecto. E que tristeza não respira todo aquelle conto *Sete de junho*, em que o auctor narra a fatidica e mysteriosa morte de um seu amigo! Mesmo a *Recordação indelevel*, que não passa de um delirio de poeta, como os imaginava Hoffmann, tem um inexplicavel attractivo de saudade e poesia. Ha o que quer que é de vago, de indeciso e phantastico em toda aquella narrativa, aliás tão singela e magoada. A recordação de Maria do Adro esvoaça-nos diante dos olhos, como uma borboleta branca de neve que a brisa da noite nos traga em ondulações tepidas. O esqueleto da pobre rapariga como que nos apparece. Aquella caveira de alvura de jaspe, sustendo ainda os dentes que conservam o verniz de esmalte; as phalanges d'aquellas mãos, que o auctor *beijava e que*

não tem a mais ligeira mancha; aquella symmetrica inserção das costellas que faz lembrar a cupula de uma urna, onde um anjo do céu foi buscar um coração que não era da terra, tudo isto resume a expressão singela de uma melancolia, que só o coração do poeta sabe sentir, quando geme inspirado pelo genio das tristezas infinitas.

Camillo Castello-Branco publicou tambem no anno passado mais dois livros: a *Vingança* e o *Que fazem mulheres*. A primeira impressão do titulo d'esta ultima obra suscita a idéa de uma physiologia como a *Physologie du mariage* de Balzac, em que a sagacidade analytica do auctor e as maravilhosas faculdades do seu estylo descriptivo, se poderiam ostentar com vantagem para a demonstração de uma similhante these; mas essa impressão passa logo, vendo o assumpto reduzido ao quadro restricto de um amor contrariado, em que o sentimento filial se exalta pela prova do maior heroísmo de que é capaz a mulher, pela resignação, e pela resignação em todas as terriveis consequencias do pudor ultrajado da filha e da esposa em favor de uma mãe adúltera.

A *Vingança* será uma ficção ou uma realidade? É melhor não o saber. Deixemos antes suppor que a imaginação do romancista se compraz de crear d'estas monstruosidades, que enchem de opprobrio a sociedade moderna, do que as julgemos capazes de realisação. Mas em todo o caso, que negra sorte a de Constantino d'Abreu e Lima, tornado depois barão da Penha! São taes factos na infancia da vida que explicam depois a demorada agonia do pungir acerbo do remorso.

Ainda mais um livro de malaventurado desfecho, a *Vida em Lisboa*, do sr. Julio Cezar Machado. Custa a crer como aos vinte annos, com a imaginação a florir, possuindo-se um genio que desafoga tão facilmente nos chistes de uma conversação delectavel, se escrevam coisas tão luctuosas! O final da *Vida em Lisboa* é quasi um final de novella allemã. O leitor, engodado pelo titulo, julga ter de assistir a uma d'essas exposições physiologicas em que o escarpello do analysta vae marcando de golpes profundos as physionomias que encontra. E effectivamente, Lisboa nos seus accidentes mais caracteristicos, e no seu viver, mais generico, ahí apparece, como um quadro cheio de contrastes, onde brotam e rebustecem os amores de dois jovens com quem desde logo se sympathisa. Mas depois? Depois o leitor paga caro a sua curiosidade de simples *tourista*, porque os trances angustiosos de uma paixão contrariada começam a seguir-se, e a impressão é mais pungente vendo-se a mão da morte cingir a co-

rôa do sepulchro áquelles amores, que as nossas esperanças acreditavam tão risonhos, mesmo atravez dos infortunios de uma sorte desgraçada.

O estylo é tudo n'este livro, não pelo que é, mas pelo que promette ainda ser. Ha uma combinação de sensibilidade e de fogo de phantasia em todas aquellas paginas, que só é propria dos segredos do estylo feminino. Nota-se sobretudo uma tendencia para o genero epistolar, o que mais caracteriza esta observação. Ha o sentir fino e delicado, e a fluencia elegante que parecem facilitar a manifestação abundante d'estes dotes. Já lá vae o tempo das novellas de mad. Genlis e Cottin, mas talvez os modélos que ellas não deixaram nas cartas da sua *Amelia de Mansfield* e dos *Serões do Castello*, impressionando o auctor na sua infancia, contribuissem de certo para lhe apri-morar um genero, que não é commum á indole litteraria da nossa nação.

A *Mulher do seculo* é outro romance de um mancebo que auspiciosamente encetára a carreira litteraria, o sr. Marques Pereira. Mas por Deus, que é das suaves chymeras, dos sonhos fascinadores da mocidade, que esvoaçam como turbilhões de borboletas, cujas azas reflectam as côres de um matiz realçado por mil focos de luz?! Esse paraíso das imaginações juvenis seria já de todo despovoado pelo taciturno e fatidico archanjo dos desenganos? Os sorrisos da vida, o sópro embalsamado da ventura, não serão agora senão trevas, apenas fendidas pela luz sanguinea dos relampagos das tormentas da sociedade? Cremos que sim: pelo menos os seus prophetas e analyistas, os homens de letras, assim nol-o affirmam. A *Mulher do seculo* é um d'estes tristes documentos de uma alma de mancebo que sente emmurchecher as flores do ideal para acordar anatomista do coração feminino. Mas a critica tem direito a não acreditar n'estes scepticos que, ainda nos primeiros passos da vida, se sentam já á beira dos abysmos das torpitudes humanas a contemplar os seus estragos. Devia talvez dizer-lhes o verso de Victor Hugo:

*Allez vous en avec vos fleurs toutes fanées,*

mas não: a phantasia tem caprichos que uma alma de mancebo não sabe reprimir. E quando esses caprichos são ostentados em auspiciosas qualidades de escriptor, a critica emmudece e espera, porque os annos, a reflexão e o tempo operam o que ella não poderia conseguir.

Entremos agora mais desassombrados nos dominios da poesia.

O seu horizonte limpido e banhado de luz, deixa respirar largo e embriaga os sentidos. Os aspectos da vida real, como nol-os fa apresentando o romance, traziam-nos nuvens luctuosas ao espirito.

O anno findo conta tres livros de poesia, todos de valia, todos desejados pela curiosidade publica. Parte dos *Canticos* do sr. Mendes Leal já o amator das letras conhecia; mas agora collidos e agrupados sob o titulo emblematico de lyra, harpa e alaude, reuinem, n'um conjuncto de raptos brilhantes de phantasia, de suaves modulações inspiradañ sobre a cythara antiga, de endeixas que o genio da poesia moderna inspirára nas horas de desillusão, as tres manifestações mais distinctas do talento lyrico do auctor. Ha muito primor de fórma n'este livro. E n'este tempo, em que as leis e segredos do machinismo poetico são tão pouco respeitadas, um livro d'estes é de certo uma riqueza litteraria.

O sr. Francisco Gomes de Amorim tambem reuniu n'um bello volume os seus versos dispersos por tantos periodicos e publicações, a que acrescentou outros novos, pondo a todos o titulo de *Cantos Matutinos*. Esta alvorada do sentimento poeticó desponta para o mimoso cantor com todas as suas suaves bafagens, com todos os vivos e prismaticos reflexos de um esplendido sorriso da natureza. Gomes de Amorim é principalmente um poeta do coração: sente mais do que delira, n'esses delirios embora accessos pelo fogo sagrado da inspiração. Em geral, as suas poesias maritimas são as que se recominendam sobretudo pelo vigor do estylo, animado por vezes de bellos pensamentos.

Mas por que motivo o mancebo poeta, que é nosso por uma adopção que nos enche de orgulho, e brasileiro por aquelle sentimento nostalgico que não deixa jámais de martyrisar os peitos abertos aos grandes affectos, porque motivo não se inspirou elle das altivas e vigorosas scenas da America, cujos aspectos e maravilhas de vegetação levam os germens da poesia a toda a imaginação viva e impressionavel? Infelizmente este repara não cabe só ao sr. Gomes de Amorim, cabe a todos os vates brasileiros, com raras excepções.

Deixem, porém, annnnciar-lhes a segunda edição de um livro, que é como novo pelas excellentes produccões de que foi accrescido, e pela anciedade com que era desejado. Fallamos das *Poesias* do sr. Soares de Passos, um dos mais maviosos talentos portuenses. Soares de Passos pertence á familia de creaturas escolhidas, de espiritos de predilecção, que, no meio de um materialismo invasor e das tumidas provas de uma indiferença calculada, conservam no coração e no pensamento, como refugia-

dos n'um vaso symbolico de mystico perfume, a pureza do sentimento religioso e o amor ás coisas da patria. É um elegante e amavel theosopho feito para amar, para crer e orar. As impressões e inspirações de Lamartine agitam-lhe o peito e accendem-lhe o estro. O gosto das meditações solitarias, os extasis da alma ante as magestades da criação, os raptos entusiasticos pelas tradições gloriosas da nossa historia, eis os mysterios e os fogos que ardem e se refugiam no seu ser poetico. Uma lyra, alumiada por uma lampada do sanctuario, poderia ser o emblema do seu talento: o hymno exaltado pela unccão religiosa.

Quizeramos aqui reproduzir algumas das suas bellas paginas ou estrophes; e que paginas ainda frementes das sacrosantas convulsões do estro, e que estrophes segredadas nas horas em que o genio da poesia parece encerrar-se todo no peito de seus predilectos! Mas a natureza d'este trabalho não o permite. É-nos apenas dado lançar um olhar de admiração ao seu livro, e saudarmos o mancebo trovador na sua passagem gloriosa. As poesias *A Patria*, *Camões*, *O Anjo da humanidade*, *Anelos* e o *Firmamento* bastam para fazer uma reputação. Esta ultima é digna de figurar na colleccção das *Meditações* de Lamartine. O estylo, de uma belleza de fórma admiravel, é elevado á verdadeira altura da philosophia espiritualista pelas inspirações grandiosas do poder da Omnipotencia. O leitor está-nos pedindo que traslademos ao menos algumas estrophes d'esta concepção notavel, e nós não podemos resistir. Alludindo ao fim predestinado da terra, Soares de Passos conclue:

Um dia, quem o sabe? um dia ao pezo

Dos annos e ruinas,

Tu cahirás n'esse volcão acceso

Que teu sol denominas;

E teus irmãos tambem, esses planetas

Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,

Attrahidos emfim, quaes borboletas,

Cahirão, como tu, na mesma chamma.

Então, ó sol, então esse aureo throno,

Que farás tu ainda,

Monarcha solitario e em abandono,

Com tua gloria finda?

Tu findarás tambem; e fria morte

Alcançará teu caro chammejante:

Ella te segue, e prophetisa a sorte

N'essas manchas que toldam teu semblante.

Que são ellas! talvez os restos frios  
 D'algum antigo mundo,  
 Que ainda referve em borbotões sombrios  
 No teu seio profundo.  
 Talvez envolta pouco a pouco a frente  
 Nas cinzas sepulchraes de cada filho,  
 Debaixo d'elles todos de repente  
 Apagarás teu vacillante brilho.

E as sombras poisarão no vasto imperio  
 Que teu facho allumia:  
 Mas que valle de menos um psalterio  
 Dos orbes na harmonia?  
 Outro sol como tu, outras espheras  
 Virão no espaço descantar seu hymno,  
 Renovando nos sitios onde imperas  
 Do sol dos soes o resplendor divino.

Gloria a seu nome! um dia meditado  
 Outro céo mais perfeito,  
 O céo d'agora a seu allivo mando  
 Talvez caia desfeito.

Então, mundos, estrellas, soes brilhantes,  
 Qual bando d'aguias na amplidão disperso,  
 Chocando-se em destroços fumegantes,  
 Desabarão no fundo do Universo.

Então a vida refluindo ao seio  
 Do foco soberano,  
 Parará concertando-se no meio  
 D'esse infinito oceano;  
 E acabado por fim quanto fulgura,  
 Apenas restarão na immensidade,  
 O silencio aguardando a voz futura,  
 O throno de Jehovah, e a eternidade!

Que magestade de pensamentos! O leitor parece assistir a toda esta scena solemne em que os mysterios dos orbes creados absorvem as mais arrojadas reflexões do philosopho. Se fosse possivel assignalar ao verdadeiro poeta as horas naturaes da inspiração e do canto, como se dá na ordem da criação com certas aves harmoniosas, dir-se-hia que Soares de Passos presente as horas bafejadas de calor divino, e canta só n'esses dias esplendidos em que as maravilhas da natureza, mergulhadas em ondas de luz, apregoam os attributos da divindade em canticos de harmonia universal.

(Conclue no proximo numero).

ANDRADE FERREIRA.

# O PAVILHÃO NEGRO.

A PORTUGAL E AOS PORTUGUEZES

Vaamente os olhos buscam aquella nobre  
Aquella só real mostra em verdade,  
Que escurissima nuvem nol-a encobre.

SÁ DE MIRANDA

## I

Lá vem as naus da França! — Magestosa  
Cada qual traz no tope a gloriosa  
Bandeira das tres côres!  
As mesmas são, que outr'ora, entre os ardores  
Da batalha que deu a gran-cidade,  
Raiaram, augurando maravilhas,  
Nas rendidas ameias das bastilhas  
Como um iris no céo da liberdade!

As mesmas são que o mundo em alto brado  
Saudou c'roando o ambito inflammado,  
Em que um seculo novo  
Dos povos desherdados fez um povo;  
Quando, nos ais das convulsões supremas,  
As indefezas turbas metralhadas,  
Apertando as fileiras mutiladas,  
Armas iam forjando das algemas!

As mesmas são que os déspotas da terra  
 Chamando a repto audaz diziam: «Guerra!  
 Surgi, nações escravas!»

E o espirito dos livres, como as lavas  
 Em borbotões golphando das cratéras,  
 Irrompia, abrazava, e em toda a parte  
 Apontava no intrépido estandarte  
 O signal redemptor das novas éras!

Das portas de Parthénope ás de Roma,  
 Mal dos Alpes aos pincaros assoma  
 O lábaro surgente,  
 Saccode a Itália os pulsos; e fremente  
 Solta um brado d'esforço temerario,  
 Que vae estremecer na terra fria  
 A geração robusta, que dormia  
 Em torno ao velho tumulto de Mario.

O mesmo pendão é que além dos mares,  
 Metéoro fugaz, fulgue nos ares  
 De Malta a Alexandria;  
 As pyramides galga; e, apoz um dia,  
 Dos Pharaós nos mausoleos abertos.  
 Que por haste lhe dão quatro mil annos,  
 Ao vasto Oriente acêna, e os seus tyrannos  
 Desafia da órla dos desertos.

As mesmas côres são, e são amigas!  
 Se não bastassem relações antigas,  
 Disse-o voz que não mente;  
 Que não póde mentir; porque o potente  
 Se dissimula mais affronta o pejo.  
 Esse emblema que diz? Fraternidade.  
 É de França, ha-de ser da humanidade.  
 Bem vindo pois.—Salve, torres do Tejo!

## II

Salvae, torres, essa gloria  
 De tantas glorias herdeira!  
 Guarda a tricolor bandeira  
 Dos lyzes pura a memoria

Nos braços da mesma fama;  
 E os velhos falcoens do Gama  
 Podem, sem zélos, saudar,  
 Compassados tropejando,  
 O pavilhão venerando  
 De Duquêsne e de Jean Bart!

Salvae! — Tambem nós contâmos  
 Nobres datas celebradas,  
 E ás nossas palmas passadas  
 Recentes louros juntâmos.  
 Roto, mas não abatido,  
 Mostrar podemos erguido  
 O pendão, que ondea aos céos  
 Estrelado da metralha....  
 E nos fustes da batalha  
 De Talavera os torphéos!

O mesmo\* facho allumia  
 Da chamma da heroicidade  
 Tanto a joven liberdade  
 Como a velha monarchia.  
 Aqui sam gémeas. Preclaros  
 Dos laureis de Montes-Claros  
 Brotam do Porto os laureis :  
 Esgotou a mão da historia  
 As joias da nossa gloria  
 Na cr'oa dos nossos reis.

O sangue ardente e guerreiro  
 Não desdiz dos seus passados  
 Nos impávidos soldados  
 Do Bussaco e do Vimeiro!  
 Salvae, torres! E, se acaso  
 No parapeito já raso  
 O tempo os bronzes fundiu,  
 Assestae em taes apuros  
 No resto dos vossos muros  
 As colubrinas de Diu.

Achal-as-hão enterradas  
 N'algum recanto sombrio,  
 Onde, co'o raio já frio,

Jazem na inercia ignoradas.  
 Nos rudes braços valentes  
 Ham-de trazel-as contentes  
 D'esses vãos dos arsenaes  
 Nossos bravos mareantes:  
 Elles sabem como d'antes  
 As manobravam seus paes!

Ao arrogante estampido  
 Das possantes caronadas  
 Pelas boccas inflammadas  
 Responda o immortal ruido  
 De tres seculos de gloria!  
 Gravada tem a victoria  
 Os decrépitos canhões  
 Que, ovantes de praia em praia,  
 Renderam Goa e Cambaya...  
 E a que deu fogo Camões!

## III

Salva, Belem, sentinella  
 Solitaria do Rostello,  
 Padrão glorioso e bello  
 Da nossa idade mais bella.  
 D'essas rendadas ameias  
 Espreitas as vellas cheias  
 Dos galeons d'além mar?  
 Não, que o teu vulto guerreiro  
 Ficou só. Mas o estrangeiro  
 Ha-de inclinar-se ao passar!

Ergueu-te ahi, monumento,  
 O braço que o ignoto Oriente  
 Deu ao mundo de presente  
 Co'o sangue que é teu cimento.  
 Para que a data ficasse  
 Esculpiu-te sobre a face  
 O rijo ferro de Ormuz,—  
 Brasão que inda assombra as eras.—  
 As quintas sobre as espheras,  
 E por cima... só a cruz!

Antes que as armas perfilles  
 Ao Franko, diz, que mysterio  
 Te abriu de Alexandre o imperio  
 Ganho co'as armas de Achilles;  
 Como viste ante as armadas  
 Cem' nações ajoelhadas  
 Ao portuguez pavilhão,  
 Quando ia, as ondas fendendo,  
 Povos e mares varrendo  
 Do Zaire além de Ceylão.

Brada-lhe mais: «Vinte frotas  
 «Impelli com fim diverso  
 «Sobre os confins do Universo  
 «Traçando novas derrotas.  
 «Quando voltavam cad'anno  
 «Vinham dos feudos do oceano,—  
 «Mais ricos de cada vez,—  
 «Vergando os baixes profundos;  
 «E armas e dons de dois mundos  
 «Trazia o mar a meus pés.

«Os meus náutas, pondo os lares  
 «No convez das caravellas  
 «Cruzavam, rindo, as procellas  
 «Quer dos homens, quer dos mares.  
 «D'essa illustre e forte raça  
 «Conto o destino a quem passa.  
 «Vedeta de um povo rei,  
 «Eu sou a torre princeza:  
 «Excedi Tyro e Veneza,  
 «Carthago e Roma igualei.

«Hoje, pallida memoria,  
 «Com o gesto de um proscripto,  
 «Cinjo aos hombros de granito  
 «O manto da minha gloria;  
 «Resta-me só, é verdade,  
 «Esta herança e a da saudade;  
 «Mas, na frente marcial,  
 «D'outros tempos pregoeira,  
 «Conservo a livre bandeira  
 «Como uma flor virginal.

«Os fortes vês da cidade  
 «Fendidos té ás raízes?  
 «Sam da guerra as cicatrizes,  
 «Não sam as rugas da idade.  
 «Não os assusta a violencia:  
 «Podem pela independencia  
 «Rebentar como um vulcão;  
 «Podem, bem que esmantelados,  
 «Desabar como animados  
 «Sobre o oppressor e a oppressão!

«E se algum estranho ousára  
 «Pôr a mão, — desventurado! —  
 «N'esta do heroico legado  
 «Joia unica e mais rara;  
 «Veria abrirem-se, penso,  
 «Como as de um sepulchro immenso,  
 «Estas pedras; e depois  
 «Surgirem d'ellas, terriveis  
 «E como outr'ora invenciveis,  
 «As sombras dos meus heroes.»

Basta. Salva! Está na aurora...  
 Talvez... ess'astro esplendente:  
 O teu está no occidente.  
 Eia, salva! Seja embora  
 A tua salva um lamento,  
 Como os geme triste o vento  
 Com grave e sinistra voz  
 Ao passar pela armadura,  
 Onde como que murmura  
 A alma afflicta dos avós!

Salva pois! Teus artilheiros  
 Com fraternos alaridos,  
 Das canhoeras pendidos,  
 Saúdem os marinheiros  
 Em voz alta e clamorosa.  
 Passa a França generosa,  
 Passa a França nossa irman!  
 Honra ao brilhante estandarte  
 De Condé ou Bonaparte,  
 De Rocroy ou Wagram!

## IV

Porém que vejo! Presumo  
Que me illudiu a esperança  
Não sam as côres da França;  
Negro é esse pavilhão!  
Negro, — não negro do fumo  
Que requeima o rosto aos bravos, —  
Negro da côr dos escravos,  
E da côr da escravidão!

Será sina tenebrosa  
Que voando a águia, ferida  
No pundonor ou na vida,  
Venha cahir sempre aqui?  
Ó negro, côr luctuosa,  
É dos mortos atributo...  
Pois se a França está de lucto,  
Está de lucto por si!

Acaso a ameaça negreja  
Como a tempestade e a noite?  
Ha poder que ainda se afoite  
Contra a razão contra a lei?  
Haverá... Deus o proteja!  
Estam co'o fraco a verdade,  
A justiça, a liberdade,  
Os seus fóros e o seu rei.

França, d'antes se querias,  
Da paz quebrando os enlaces,  
Atirar a luva ás faces  
Do fero leopardo inglez,  
Alliva as armas vestias,  
Empunhavas forte a espada,  
Não trajavas demudada  
Os signaes da viuvez.

Sem piedade te lançaram  
Esse crépe funerario  
Como um lúgrebe sudario

Sobre os inclitos brazões.  
 Das gallas te despojaram  
 Da tua gloria! — O futuro  
 Ha-de chorar que de escuro  
 Marche a França entre as nações.

Ess'aguia, tornada abutre,  
 Para vergonhoso ensaio,  
 Traz na garra em vez do raio,  
 As gargalheiras servís.  
 Anciando o espolio que a nutre  
 Os ares tortuosa corta,  
 Paira, e espreita a preza morta...  
 Não é esta a d'Austerlitz!

Seguia aquella outro rumo,  
 Que hoje a vista mal aleança:  
 Est'aguia não é da França  
 Negro é este pavilhão.  
 Negro, — não negro do fumo  
 Que requeima o-rosto aos bravos, —  
 Negro da côr dos escravos,  
 E da côr da escravidão!

## V

Cegou-te, ó musa, a luz do enthusiasmo  
 Reflectindo-te um prisma enganador!  
 O mundo sobreposta vê com pasmo  
 Às côres triumphaes a triste côr!

Mas não baixes a frente, consternada  
 Por ter saudado esse pendão fatal,  
 Por vêr nas mãos a lyra em vez da espada,  
 Do teu nobre e indomado Portugal.

O estrangeiro levou-te um pouco de ouro,  
 Premio heroico dos negros feitos seus;  
 A ti ficou-te a honra: esse thesouro  
 Basta á patria e á virtude... e conta-o Deus!

Musa, alegre-te, musa qual me alegre.  
O braço ameaçador estende a mão!  
Lá váe o negro preço... e o baixel negro...  
E sobre elles o negro pavilhão!

Janeiro—1859.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

WILSON & SONS

WILSON & SONS

## A IDA PARA O TRABALHO.

De certo conhecem a *Volta do trabalho*, singela e poetica composição, brilhante de colorido e luz, com que o sr. Annuciação denunciou uma nova época no seu talento de paizagista? N'esse formoso quadro ha já o sentimento campestre que se revela na interpretação da vida dos campos, a qual só inspira e fecunda o estudo da natureza. Pois a *Ida para o trabalho* é o *pendant* d'essa outra paizagem em que o artista manifestou os seus altos dotes de observador.

Por um capricho de fantasia, que só o explicará quem adivinhar os segredos do talento e as predilecções da imaginação, o sr. Annuciação principiou por onde devia acabar: fez primeiro a *Volta do trabalho* e depois a *Ida*. Mas que importa? Se completou este episodio da existencia campestre! E nem por vir fóra da sua ordem, se ordem ha nas concepções que vivem do impulso interior que impelle o pincel do artista mais para uns que para outros aspectos da natureza, a *Ida para o trabalho* deixa de ser um quadro que se inspira do mesmo sentimento, da mesma verdade que anima e caracteriza aquelle que o precedeu. Pertencem um e outro ao mesmo genero, e animam-se de um sentimento identico.

A composição d'este ultimo é de extrema simplicidade. Um cazalinho, como os ha aos cardumes nos arredores de Lisboa, ou encravados na branda sombra dos valles, ou dependurando-se na encosta das serras, vê-se a um lado, tomando quasi o fundo do quadro. Vem despontando a manhã. Um tom suave e humido, rescendendo os aro-



*Anuncição Pint. e Grav.*

*Silvius Estroper*

A IDA PARA O TRABALHO.



mas da madrugada, frouxo cambiante em que a luz parece dar aos objectos os reflexos ainda prismaticos e duvidosos que os primeiros raios do sol produzem quando tocam os montes e os arbustos aljofrados pelo orvalho da madrugada, inunda todo o quadro, fazendo que se sinta a frescura, agradável e reanimadora, que nos trazem os primeiros assomos da alvorada em brandas e perfumadas aragens. Da arribana já sahiram os bois, que um camponez vae mettendo no carro, e que parte para os trabalhos do campo. Proximo, a dona do cazal madruga tambem com o seu companheiro, encetando a lida do dia por dar de comer á criação, formoso rebanho de gallinhas e patos que cacarejam e pipillam, correndo em tropel sobre os punhados de milho que a boa da mulher lhe arremessa, gostando de os ver correr, saltinhando soffregos e espicaçando-se na disputa de um ou outro grão disperso.

Tudo isto é simples e singelo, mas tudo é natural. Assiste-se a uma d'estas scenas da vida campestre, que tanto encantam pela simplicidade. E como a arte intervem nas combinações da composição, sem que tolha o desenvolvimento e expressão de naturalidade que caracterizam essencialmente este bonito quadro! As linhas horisontaes do carro estão completamente contrastadas pelo boi mettido n'um perfeito escorso, e em tudo isto o effeito de perspectiva é realçado pelo soberbo toque de um pincel verdadeiro e oppulento de tons. E que correcção e belleza de contorno, que expressão e vida não tem aquelle grupo que mal se desenha no vago do horisonte, quebrando-lhe tambem a monotonia das linhas uniformes! Parece que as roupas lhe fluctuam ao sabôr do vento, e que em breve veremos sumir de todo aquellas figurinhas, que já nos escapam á vista.

E é n'estes grupos longinquos que o sr. Annuniação se mostra sem rival. Apresenta apenas a indicação dos traços configurativos, mas com que propriedade de contorno, com que franqueza de toques de um pincel firme e conhecedor de todos os segredos da perspectiva aerea!

Estas bellezas de detalhe e engenhosas combinações na disposição geral do quadro, que resumem um dos seus mais notaveis meritos, escapam na estampa, porque o genero de trabalho que a produziu, dá unicamente a idéa ligeira e incompleta da formosura da composição que serviu á copia. Mas ainda assim, a estampa é um bello trabalho a agua-forte, no qual a firmeza de traço, que procura só o effeito geral na justeza dos contornos e na disposição das massas de claro-escuro, apresenta idéa aproximada do estylo natural e largo, que distingue essencialmente a ultima phase do talentò do sr. Annuniação.

ANDRADE FERREIRA.

## A BOM ENTENDEDOR, MEIA PALAVRA

### PROVERBIO<sup>1</sup>

#### Personagens.

A CONDESSA.

O VISCONDE.

A MARQUEZA.

*A scena é n'uma sala contigua ás salas do baile.*

#### SCENA I.

A CONDESSA e depois O VISCONDE.

CONDESSA — (*Para um criado*). Avisem os meus criados.

VISCONDE — (*A outro criado*). Mandem chegar a minha carroagem. (*dando de face com a condessa*). Que milagre é este, condessa? Deixa tão cedo o baile?

CONDESSA — Estava aborrecida!

VISCONDE — Que diriam os seus adoradores se ouvissem um dito tão pouco amavel!

CONDESSA — Sou franca: é talvez por causa d'elles que me retiro tão depressa.

VISCONDE — Felizmente isso não se póde entender comigo; ainda hoje não disse a menor fineza a v. ex.<sup>a</sup>

CONDESSA. — E como é, visconde, que tendo a reputação de ser um incansavel dançador, abandona o baile, quando começam as valsas vertiginosas, as polkas doudejantes, e se podem livremente communicar esses segredinhos mysteriosos, que se murmuram debaixo do leque? Não parece realmente o mesmo!

<sup>1</sup> Este proverbio foi escripto pelo auctor originalmente em francez, e representado no anno de 1853, no theatro de D. Fernando, pela companhia franceza que estava em Lisboa n'esse anno.

VISCONDE. — Olhe, condessa, deixei-me de valsas: começo a engordar.

CONDESSA — (*Pondo-lhe a mão no braço*). Como ás vezes as mulheres se enganam! Parecia-me ter visto uma menina elegante e formosa, cujo nome não ignora é de crer, perseguindo com ternos olhares um barão de contrabando e talvez feito pelo contrabando, cuja fortuna deslumbra todas as mães que teem filhas para casar.

VISCONDE — Peço-lhe que não seja maliciosa, condessa. Acredite, o meu coração envelheceu mais depressa do que a minha pessoa. Disse um adeus sincero ás encantadas illusões do amor... Já fiz trinta annos.

CONDESSA — Não creio que essa seja a idade do patriarcha Mathusalem. Mas não se fie em enganosas apparencias: o coração, ás vezes, é como aquella serpente Boa, de que fallam os livros da Historia Natural, parece estar morto, e apenas existe em profundo lethargo: e quando accorda, tenta com novo ardor saciar a fome que o devora.

VISCONDE — A analogia é realmente digna do seu engenho, condessa; e por isso animo-me a fazer-lhe uma pergunta...

CONDESSA — Responderei, se podér.

VISCONDE — Porque é que olhava com olhos tão severos para aquelle pobre diplomatico sueco, que valsa com tanta ligeireza e elegancia? Erraria o bom do homem o compasso? Cá por mim não o acredito: os seus talentos na dança habilital-o-iam a casar com a propria musa Terpsichore.

CONDESSA — Sinto não poder retribuir-lhe o elogio que ainda ha pouco me fez. As suas conjecturas são de todo inverosimeis. Nunca me veio á cabeça o querer penetrar os segredos das côrtes europeas, e embora digam por ahi que é homem de espirito, sempre o achei indigesto como um protocollo.

VISCONDE — Pois vai n'isso contra a opinião geral. A historia d'aquella vida aventureira é um conto das mil e uma noites. Affirma-se que merecera o amor de um cem numero de princezas russas.

CONDESSA — Nunca acreditei em boatos.

VISCONDE — Pois elles parecem justificados, com o que aconteceu depois. Durante todo o inverno, no theatro italiano, o seu oculo estava constantemente dirigido para o camarote de v. ex.<sup>a</sup>; e affirma-se que havia outro oculo, que lhe correspondia, com não menor assiduidade,

CONDESSA — E que tem isso? Porventura os oculos tem lingua? Auxiliam a vista: é o seu officio.

VISCONDE — O oculo a que alludo era certamente um oculo feliz.

CONDESSA — Mudemos de assumpto, visconde. A setta que despediu deu em falso.

VISCONDE — Olhe, condessa, apesar do seu espirito, mostra-se sempre mulher.

CONDESSA — O sexo que os senhores denominam bello por excellencia, que lh'o agradeça.

VISCONDE — Mas como acceitou o que lhe disse de boa feição... Confessar-lhe-hei que me retirei do baile, por extremo resentido...

CONDESSA — Então adivinhei? A donzella dos olhos negros, preferiu a materia ao espirito.

VISCONDE — Assim o creio.

CONDESSA — Seguiu as crenças do seu seculo.

VISCONDE — É o que me admira, n'aquella idade! Os amores d'esta época degeneram; outr'ora, a luva, a camelia, o laço de fita que adornára por um só instante a escolhida do nosso coração, não eram trocados por todos os milhões d'este mundo.

CONDESSA — Meu caro, a arithmetica e a economia politica invadiram tudo! E cada qual, segundo diz o proverbio popular, faz pela vida — (*assentam-se*).

VISCONDE — Assim é: a condessa falla exactamente como um livro... de rasão: os sonhos poeticos não se combinam com as letras de cambio, que de continuo nos perseguem!

CONDESSA — Os judeus, depois de tantas luctas, triumpharam a final: ninguem consegue escapar-lhes, e crucificam o mais honrado christão-velho entre os dois prazos de vencimento, como ha mais de mil e oitocentos annos crucificaram o Justo entre dois ladrões.

VISCONDE — Nem eu sei agora, porque me agradei d'essa mulher. É por acaso formosa? Nem talvez seja interessante. Possee talento? Não tive tempo de lh'o apreciar. Nunca lhe reparei senão nos dentes, que eram de uma deslumbrante alvura.

CONDESSA. — Não neguemos as nossas fragilidades. O visconde sympathisou com essa menina; o diplomata talvez não fosse indifferente. Eu hei de ter talvez dois dias de enxaqueca... nervosa. O visconde fará alguma elegia plangente, que porá termo á sua magoa. Depois não faltarão consolações: ficarei no baile até ao primeiro *cotillon*, e o visconde terá o cuidado de emmagrecer, para figurar com gloria em todas as contradanças e valsas.

VISCONDE — É julgar as coisas como uma mulher superior.

CONDESSA — Como quem não sente os annos passarem debalde.

VISCONDE — Os annos, condessa? — diga-me, que idade tem?

CONDESSA — Quem lhe ensinou a fazer taes perguntas? N'um baile, ao clarão dos lustres, não passo de vinte annos: de dia ás outras mulheres é que lh'o podem dizer.

VISCONDE — A formosura e elegancia, e tão raros dotes de intelligencia e de coração hão de dar á condessa uma eterna mocidade!

CONDESSA — Ah! meu amigo, as suas finezas não podem encontrar ecco: volto de um paiz frio; a minha alma ficou quasi gelada.

VISCONDE — E porque as fez viajar para as regiões do norte? O amor desponta na primavera, com os harmoniosos murmúrios da brisa e do regato, com o canto das aves que saudam o esplendido alvorecer da manhã, com o perfume embalsamado das laranjeiras em flor. O amor é como as aves de arribação: foge das neves eternas, que conservam o climá a dezaseis grãos abaixo de zero!

CONDESSA — E vér as neves derretidas ao fogo de um olhar apaixonado, os neveiros dissiparem-se diante de um meigo sorriso, e as flores desabrochando n'uma arida campina, não póde tudo isto inspirar a imaginação de uma mulher?

VISCONDE — São sonhos que raramente se realisam.

CONDESSA — Engana-se: dominar um homem é facil sempre, quando se não desespera.

VISCONDE — E se é assim, porque tentam as mulheres conquistas tão pouco gloriosas? Teriam ellas porventura a esperanza de preencher o vacuo immenso, que existe quasi sempre no seio das mais nobres almas? Julgam que nos delirios da paixão, poderemos esquecer as amarguras que nos acompanham n'este mundo, que o evangelho tão justamente denomina um valle de lagrimas? De nada d'isto se lembram! Querem ver os homens prostrados a seus pés, para mostrarem ao mundo que nada resiste ao poder dos seus encantos. Caprichos, vaidade e nada mais!

CONDESSA — O seu poetico devaneio, não prima realmente pela originalidade. São coisas que se repetem desde a primeira entrevista de Eva com a artificiosa serpente. Tenho dó dos homens! Nunca nos hão de conhecer, por mais que n'isso se empenhem; e pela sua ignorancia e cegueira conservaremos o nosso imperio!

VISCONDE — Concordo com tudo quanto diz. A mulher é realmente um herioglífico, e são loucos os homens quando consomem a vida na ingrata tarefa de o decifrar.

CONDESSA — E todavia, visconde, o que seria da pobre humanidade, se a prohibissem de se entregar a tão agradável passatempo!

VISCONDE — Cá por mim, posso declarar que me curei de todo. Contemplo com horror a triste prosa em que a sociedade moderna vae caindo. Caminhos de ferro, telegraphos electricos de um lado, camandulas e bentinhos do outro. A humanidade civilisada agita-se fêrvida e impaciente como as abelhas em torno de um cortiço, trocando lãs por café, assucar e algodão por colza e cacáo, cereaes por carvão de pedra e sedas, porcelana e riscados por legitimo guano. Raça deploravel de infatigaveis mercieiros!

CONDESSA — É um quadro tenebroso!

VISCONDE — O mundo moderno é o Hamburgo do poeta Henri Heine. Vive como aquelles respeitaveis burguezes a sommar e absorvido n'essa pavorosa imbecilidade de calculos continuos, envelhece e morre com o olhar fito nas burras e no balcão!

CONDESSA — E que remedio ha senão acceitar a vida como ella é!...

VISCONDE — Vou fugir para um paiz virgem, para as florestas da Africa oriental, aonde possa vegetar sem o receio de me nomearem ministro, e sem que algum jornalista parvo me faça um pomposo necrologio depois de morto.

CONDESSA — Sim, visconde, nunca se aliste nas fileiras d'esses insipidos argumentadores de orçamento, que abandonam a sociedade e a companhia das mulheres, para nos massarem com columnas de algarismos, e para fabricarem insipidos relatorios.

VISCONDE — Já tive idéa de me suicidar, tal é o meu aborrecimento devorador!

CONDESSA — Pois amava a joven nimpha a esse ponto?

VISCONDE — O amor, quando não vóa pelos espaços infinitos do ideal, é um costume, um habito inveterado. Amando-a, distrahia-me. Escrevia-lhe cartas, que apuravam o meu estylo: dava, para a vér, grandes passeios a cavallo, que restauravam a minha saude: e quando ella agitava as mãos, dando palmas á Grisi, apreciava com duplo enthusiasmo as bellezas da opera. Um amor que tinha por alimento a poesia, a hygiene e o canto, não é amor que se deixe sem saudade.

CONDESSA — Pois socegue, visconde, nada do que me diz tem apparencias de uma grande paixão, e dou-lhe os parabens: isto de grandes paixões são como os golpes de ar, que parecem produzir pouco effeito ao principio e a final se convertem em molestias perigosas.

VISCONDE.—Falla então... por experiencia.

CONDESSA.—Acredite, visconde, talvez possuisse um energico coração para as sentir, senão vivesse n'este seculo.

VISCONDE.—Não cré no amor?

CONDESSA.—No da sociedade nem pouco nem muito. É uma aria que não muda de estylo. Não se presta mesmo áquelles ornatos melódiosos com que os artistas, pequenos e grandes, dão realce á monotonia do canto. O amor verdadeiro é a historia de uma fragil planta, que floresce ao suave calor de uma bonançosa primavera, e que de repente transportada para as salas, para a região das conveniencias, desfallece e morre. Para o nosso mundo inventaram-se os namoros e as contradanças, as duas coisas mais insipidas que ha e póde haver.

VISCONDE.—Não explico então, professando uma tão sublime indiferença, para com todas as pequenezas da vida, como é que tanto se irritou contra o pobre diplomata, que, torno-lhe a repetir, é um excellente par de valsa.

CONDESSA.—Emprestei-lhe o meu retrato: puro emprestimo, visconde!—e mostrou-o. Foi realmente uma semsaboria, que me poderia comprometter, e que lhe não perdôo...

VISCONDE.—Se é só isso, auctorisa-me para lh'o ir pedir, em seu nome?

CONDESSA.—Ha de mandar-m'o.

VISCONDE.—Póde ser que se não resolva! São objectos que custam a deixar, sobretudo quando se é um pouço vaidoso.

CONDESSA.—Pois então vá, não se demore, que aqui o espero. *(No momento em que o visconde se dispõe a sair apparece a marquezia.)*

(Conclue)

A. P. LOPES DE MENDONÇA.

## UM MEZ EM CINTRA

### FRAGMENTOS DE UM LIVRO

.....

Eu fiz então como faço quasi todos os annos, fui passar o setembro a Cintra, *glorious eden de Byron*. Passeios á Pena, tardes passadas a conversar no melancolico Sette-Ais, de que até o nome rescende melancholia, *cavalgadas* a Collares e ahí passeios embarcados, n'aquella varzea tão bonita, entrelinham-me os dias e faziam-me esquecer um pouco os motivos de tristeza que eu tinha então, e por causa dos quaes me tinha retirado da vida fatigante e buliçosa da cidade, que eu já não podia soffrer, não só porque me trazia tristes recordações, mas também porque a minha saude algum tanto alterada, que me aconselhava abandonasse. Vasco, o meu irmão pelo coração, aquelle que partilha de todos os meus soffrimentos, sujeitou-se a acompanhar-me n'esta peregrinação, e a tornar-me ainda mais agradável o tempo que eu ali ia passar. Quasi todas as manhãs vestiamos as nossas *blouses* e hiamos vêr nas immedições de Cintra; vêr, como disse Shakespeare, descêr a manhã á planicie, com os pés ainda humidos do orvalho, depois de ter hesitado um instante no cume das montanhas.

A nossa posição quasi identica, o nosso soffrer quasi igual, ainda que a um era causado por uma saudade, e ao outro por uma de-

cepção, fazia com que achássemos um encanto e uma poesia taes n'aquelles passeios, que um ferceiro, viria decerto interromper e quebrar. A saudade, esse sentimento tão doce, que nasce desde que a ausencia se vem collocar entre nós, e alguém por quem sentimos uma affeição profundamente arreigada, e que faz com que no momento em que perdemos essa pessoa, sintamos uma affecção profundamente dolorosa e o coração com um vacuo que nunca mais se torna a encher na vida do homem, fazia-nos rebentar as lagrimas dos olhos, assim como tambem nos indignavamos quando nós vinha á lembrança Amelia, a mulher de mármore, caprichosa e perdida, que não podia já dar o amor santo e puro que lhe era consagrado, por que não tinha no coração, nem um sentimento que não fosse do interesse nem um prazer que não fosse o da maldade.

As vezes demoravam-nos largas horas n'estas excursões, abrigo-nos debaixo d'alguma arvore frondosa e copada, junto a alguma fonte, que casava o murmurio melancolico e monótono da sua corrente, á nossa conversa intima, ao nosso dialogo triste e doloroso. É assim que se comprehende bem a poesia e que todo o homem de sentimento é poeta; e sós com a natureza, com a luz, com o ar e com o espaço...

Esse tempo passou para mim, não posso mesmo esperar ter outro igual, porque feliz ou infelizmente os dias seguem-se mas não se assimelham. Depois de largo tempo assim passado, chegavamos ao *Hotel*, jantavamos em companhia de uns vinte conhecidos, entre os quaes sempre havia algum de espirito que animava a conversação, e que *bon gré, mal gré nous* nos levava tambem a falar, obrigando-nos a deixar o mundo de sentimentalismo e poesia em que estavamos para entrar no do positivo e no da realidade, ou por uma questão politica que nos não interessava, ou discutindo o merito d'esta ou d'aquella artista que não conheciamos. O jantar acabava quasi sempre á hora em que deviamos partir para Sette-Ais; os homens accendiam os seus charutos, as senhoras iam pôr os seus lenços ou chapéos, e a caravana desfilava, para se ir dispersar junto ao palacio dos marquezes de Loulé onde se confundia com as outras caravanas, segundo as relações ou os interesses, moviam uns a juntarem-se aos outros.

Uma tarde demorei-me eu e mais umas sete pessoas no rochedo dos suspiros até um pouco mais tarde do que era nosso costume. Além de mim, de Vasco que tinha ido comigo, e da viscondessa G... que estava no mesmo hotel que nós, faziam parte da companhia Eduardo de Lemos, estudante brasileiro que se tinha acabado de formar em Coimbra, o barão, rico capitalista que pos-

sue em Cintra uma magnifica casa de campo, e mais duas ou tres utilités de que me não lembra o nome.

O sol ía a pôr-se: o céo estava sereno, o campo quasi deserto: os trabalhos dos homens tinham cessado; a natureza estava abandonada a si mesma. Custava-me a sahir d'ali, propuz que nos demorássemos um pouco mais, e felizmente a minha proposta foi aceita. Uns estavam sentados nos bancos, outros em pé diante da viscondessa e da sobrinha, e sentados junto a estas o jornalista e o barão ambos pretendentes; o primeiro á... á viscondessa, o segundo á mão de Hortencia, o que me fez lembrar o que Lopes de Mendonça escreveu no Spleen e a medicina, e que é uma das maiores verdades que elle tem dito; «*o casamento é um programma virtuoso, mas é estúpido como a musica de um divertissement improvisado; a felicidade não está no fundo de um cesto de costura.*» Mas, tivesse lido ou não, o barão cada vez se tornava mais amavel, querendo parecer mais moço; cada dia apparecia com o cabello mais bem penteado, e com o vasto abdomen mais comprimido.

(Continúa)

A. DE BREDERODE.

## CHRONICA.

Encetaremos a chronica registando os acontecimentos politicos. Caiu um ministerio e nomeou-se outro. A queda do gabinete transacto foi vulgar; registamol-a por tanto sem commentarios, reservando estes para a nomeação do actual que saiu da rotina. D'antes n'esta terra a primeira recommendação para um homem ser ministro, era já havel-o sido. Cada facção dispunha de dois ou tres nomes, que se alternavam e substituiam na gerencia dos negocios publicos. O estandarte de cada partido só pôderia ser içado por aquelles homens. Eram rotulos obrigados. Em sustentar as tradições, resumia-se todo o seu programma e toda a sua responsabilidade. Não se lhes pediam idéas novas; limitava-se a exigencia a que resuscitassem as antigas. A rotina, sempre a rotina e só a rotina. Tem sido esta a palavra governamental dos velhos partidos. Mas o tempo, esse grande motor do progresso, condemnou-a no espirito dos novos. As aspirações d'estes são diversas; a sua divisá é outra. Querem caminhar, legitimando os commetimentos nos resultados.

No gabinete actual entraram tres homens novos sobre quem peza grande responsabilidade. Representantes da mocidade e apóstolos das suas doutrinas, cumpre-lhes justificar-as. O modo porque-se elevaram ao poder já nos deve gloriar. Conquistaram as pastas pelo vigor da palavra e da intelligencia. Foi na tribuna e na imprensa que forjaram os diplomas. Agora, todo o nosso empenho é que o triumpho que alcançaram iguale em esplendor os esforços da conquista. Confiamos por isso na provada illustração e reconhecido talento dos srs. Antonio de Serpa, Casal Ribeiro e Martens Ferrão.

Façamos ponto na politica, e passemos á litteratura.

Houve sessão solemne na academia real das sciencias. Estiveram presentes S. M. El-rei o sr. D. Pedro v, protector, S. M. El-Rei o sr. D. Fernando, presidente, e um numeroso concurso de homens e senhoras; estava igualmente o corpo academico, legislativo, representantes do corpo diplomatico e camara municipal.

Tomada a vênja de SS. MM., abriu a sessão o sr. Avila vice-presidente, com um elegante e sentido discurso. Seguiu-se o relatorio dos trabalhos da academia elaborado pelo sr. Latino Coelho e lido pelo sr. Mendes Leal, como secretario da 2.<sup>a</sup> classe; sendo depois recitados pelos seus auctores na ordem seguinte uns elogios historicos de socios fallecidos: — O do padre Antonio Pereira de Figueiredo, pelo socio Levy Maria Jordão; o do conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães, pelo socio Latino Coelho, e o do Duque de Lafões, primeiro presidente da academia, pelo socio Mendes Leal Junior.

No breve espaço d'esta chronica não nos cabia o juizo d'estes elogios;

fica portanto reservado para um artigo que publicaremos no proximo numero. A auctoridade e valia das penas que escreveram os dois ultimos, são garantia segura das bellezas que devem encerrar.

Já que privamos o leitor d'esta analyse, vamos em compensação esboçar-lhe rapidamente a apreciação de uma joia litteraria de subido valor. É o *Ultimo acto*, do sr. Camillo Castello Branco, drama que subiu á scena no beneficio da actriz Soller, e para quem havia sido escripto expresamente.

Concepção tão arrojada como sentida, o *Ultimo acto*, tende mais a aproximar-se da tragedia do que a revelar o drama. A paixão manifesta-se n'aquelle quadro com as mais vivas e grandiosas côres. Não falla só ao coração, dilacera-o profundamente; não se limita a commover, aspira a exacerbar. Não provoca suavemente as lagrimas; arranca-as dolorosas e vehementes do fundo d'alma. Realisa a suprema angustia; traduz a maxima provação. Cada scena é uma tortura que a palavra exalta e engrandece. Inspira terror e desperta admiração. O espectador soffre, e o mesmo sofrimento lhe excita o entusiasmo; cada ai intimo que murmura transforma-se n'um bravo ao sair dos labios. Commettimentos semelhantes só um verdadeiro talento pôde aventurar, porque a faisca sagrada ha de revelar-se, electerisando a turba.

A acção do *Ultimo acto*, é singela, reduz-se a um casamento de conveniência que uma filha aceita, suffocando no peito nma forte paixão, para salvar a honra de seu pai, empenhada n'uma fallencia que os credores accusam de ladroeira. Mas a paixão da donzella era igualmente retribuida: o homem que lh'a soube inspirar foge do mundo no dia em que lh'a roubam e refugia-se sob as vestes do sacerdote.

É no desenlace quasi d'este pungente drama que sóbe o panno. Accusada pelo marido, a pobre victima com a morte já dentro em si, vem a casa do pai, para se justificar. Consegue-o, mostrando uma carta de Jorge, que exige do pai que leia alto diante do marido e as palavras que solta aquelle no final mostram bem o valor d'ella: «E' um nobre infeliz que diz a uma desgraçada: vê com que honrado coração te amei.»

O typo do padre Jorge é das melhores criações que ultimamente temos admirado. Está desenhado com vigor e elevação: foi traçado pelo coração e idealisado pelo genio.

A interpretação de obras d'este genero é uma difficuldade extraordinaria; mas d'esta vez os artistas venceram-n'a.

A sr.<sup>a</sup> Soller foi magistralmente no papel *Anna Augusta*; o sr. Soares Franco, estreou-se brilhantemente no padre Jorge; o sr. Theodorico sustentou a sua merecida reputação; e a sr.<sup>a</sup> Manuela Rey, no seu curto papel teve um momento admiravel quando solta o grito que traduz ao espectador a morte da irmã: e o grito é eloquente.

O *Ultimo acto*, como escripto, é um primor. Paginas assim escreve-as uma vez o coração.

A noite da primeira representação do *Ultimo acto*, no theatro normal, foi uma verdadeira festa artistica. A sala estava apinhada de espectadores. A artista foi saudada logo que appareceu em scena, com bravos e palmas espontaneas. No fim da peça teve varias chamadas, sendo freneticamente applaudida e mimoseada com varios ramos de flores e uma magnifica coroa. E tudo era merecido, porque a actriz no *Ultimo acto*, subiu a uma altura que raras attingem interpretando com notavel intelligencia e extraordinario talento um dos papeis mais difficeis, ou talvez o mais difficil que o repertorio moderno tem ultimamente apresentado.

S. Carlos deu-nos a opera *Templario*, que proporcionou um bello triumpho a Mirate, pela energia e sentimento com que cantou o final. M.<sup>o</sup> Tedesco tambem colheu numerosas palmas. Cresci augmenta cada vez mais as sympathias que soube conquistar.

Varios jornaes, annunciam a proxima chegada de Victor Hugo. Oxalá que se realise. A terra que foi berço de Camões e Garrett é digna de hospedar o grande poeta.

ERNESTO BIESTER.